

AS PSICOLOGIAS ENTRE O EXPLICAR E O COMPREENDER

Gabriel Almeida Assumpção¹²

RESUMO: A comunicação de abertura da 1ª Jornada de Filosofia e Psicologia consistiu em uma apresentação de questões filosóficas vinculadas à formação em psicologia, tendo como pano de fundo a origem da oposição entre explicar e compreender na dualidade moderna entre mecanicismo e teleologia, sendo esse elemento fundamental no idealismo e no romantismo alemães, ambos importantes na obra de Wilhelm Dilthey (1833-1911), figura central no evento, ocorrido dia 11 de outubro de 2019, no Auditório Bicalho, da FAFICH-UFMG. O ponto frisado na comunicação foi a importância de se conciliar método explicativo e compreensivo (ou mecanicista e teleológico) na psicologia, evitando-se tanto reducionismos naturalistas (neurociências) quanto idealistas (psicanálise lacaniana).

Palavras-chave: compreender; explicar; mecanicismo; psicologia; teleologia.

ABSTRACT: The opening presentation of the 1st Journey of Philosophy and Psychology was a presentation of philosophical issues related to the study of psychology, having as a background the origins of the opposition between explaining and understanding opposition, i.e., the modern duality between mechanism and teleology, being this a core element in German Idealism and Romanticism, both of which were important in Wilhelm Dilthey's work. The event took place in October 11th, 2019, at Bicalho Auditorium, FAFICH-UFMG. The core point in the presentation was the importance of conciliating comprehensive and explanatory methods, employing mechanism and teleology together in psychology. With such a procedure, both naturalistic reductionisms (neurosciences) and idealistic reductionisms (Lacanian psychoanalysis) can be avoided.

Keywords: explaining; mechanism; psychology; teleology; understanding.

Introdução – o duro caminho da psicologia

A psicologia é um campo complexo e multifacetado, sendo mais sensato falarmos de “psicologias”³, havendo muitas escolas de pensamento diferentes, e mesmo no interior de uma linha (por exemplo, a psicanálise), há considerável número de subdivisões (Klein, Lacan, Winnicott, Laplanche, entre outros). Soma-se a essa

¹ Prof. Colaborador (POSDEFIL-UFOP) e Prof. Assistente FAJE. Pesquisador de pós-doutorado (PosLit - UFMG)

² Dedico esse artigo ao Pe. Delmar Cardoso.

³ Cf. BOCK; FURTADO; TEIXEIRA. *Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia*, pp.15-28.

dispersão de escolas uma grande divergência de abordagens e métodos, com uso de conceitos tão distintos que é difícil uma comunicação entre as escolas. No caso da filosofia, há algo semelhante, com muitas escolas diferentes de pensamento e diversos conceitos usados ao longo dos séculos. Noções como “eu”, “substância”, “razão”, ganham nuances distintas em muitos filósofos, ocasionalmente havendo dificuldade de compreensão entre pesquisadores de linhas diferentes na filosofia – ou melhor, nas filosofias.

No campo das psicologias, todavia, há outro agravante: no curso de graduação em Psicologia, um estudante precisa cursar disciplinas de sociologia, estatística, anatomia humana e filosofia no mesmo semestre, muitas vezes sem uma articulação posterior desses conteúdos entre si, cada disciplina favorecendo uma eventual opção por seguir determinada linha de pensamento (por exemplo, um estudante que gosta de testes psicológicos se detém no estudo da estatística, não encontrando motivação para estudar a fundo a fisiologia ou a anatomia humana). Somado à constante especialização dos saberes na academia – algo que também afeta a filosofia –, torna-se difícil os estudantes de psicologia dialogarem entre si, muitas vezes optando por abordagens extremas e unilaterais do ser humano, subestimando a riqueza de uma integração entre explicar (comum em disciplinas como a anatomia, a fisiologia) e o compreender (utilizado na sociologia, na estatística, na antropologia).

O ser humano, nas psicologias, não é apenas objeto de saber, mas também sujeito, e isso pode ser válido em várias linhas de pensamento da psicologia: cientistas se comportam para estudar o comportamento humano; a mente humana investiga a mente humana; animais humanos investigam o comportamento de animais humanos; e assim por diante. O sujeito é, nas psicologias, o objeto, e essa reflexividade⁴ das psicologias, é algo que elas compartilham com a filosofia, com outras ciências humanas e com a biologia.

Para Immanuel Kant (1724-1804), a psicologia possui um problema de natureza semelhante: não se tem acesso direto à natureza do eu, podendo o eu apenas ser vivenciado subjetivamente, sendo possível apenas a psicologia enquanto um saber totalmente guiado pela experiência, sem juízos sintéticos *a priori* como princípios. No quadro de sua psicologia crítica, isso é particularmente negativo, uma vez que, para esse filósofo, ciência é um discurso racional demonstrativo que possui juízos sintéticos *a*

⁴ Sobre a reflexividade como traço marcante da modernidade tardia, Cf. GIDDENS. *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*, pp. 73-133.

priori, ou seja: juízos que trazem consigo necessidade e validade universal, duas coisas que a experiência, ou a indução, nunca nos fornecem. Exemplos clássicos de juízo sintético *a priori*, para Kant, são todas as proposições da matemática (por exemplo, $7 + 5 = 12$), algumas proposições da física (as leis de Newton) e algumas proposições da metafísica, como o princípio de causalidade⁵. Essas noções foram duramente criticadas nos séculos XIX e XX, mas, independente das críticas, a questão central para nós é que, segundo Kant, a psicologia não teria proposições de validade universal.

Esse veto kantiano marca a história da psicologia enquanto saber científico, e a psicologia tentou responder a ele de diversas formas. A própria filosofia do século XX e XXI levará em conta a ideia de que talvez seja melhor a filosofia ser substituída pela psicologia, uma vez que essa é que ensina sobre como o pensamento funciona⁶. Não é nossa via aqui, pois iremos nos deter em como a psicologia encontra dificuldades em se firmar enquanto um discurso sobre a mente, sobre a subjetividade, sobre o eu.

Dois modos de compreensão: mecanicismo e teleologia.

Nossa hipótese de trabalho, para essa Jornada de Filosofia e Psicologia, é: **a distinção metodológica entre explicar e compreender se enraíza na distinção clássica entre mecanicismo e teleologia, e que ela encontra grandes dificuldades no objeto da psicologia que é, ao mesmo tempo, seu sujeito.**

Essa *aporia* intrínseca aos objetos de estudo das psicologias se ramifica em três tendências: (a) o **realismo ingênuo** e (b) o **dualismo** e uma consequência direta deste, (c) **os reducionismos**. A tendência (a) é notada em alunos e professores de psicologia, quando dizem que “o objeto das diferentes linhas de psicologia é o mesmo”, todas as escolas “falam da mesma coisa” – claramente, são objetos e métodos diferentes. Nota-se também quando se começa a usar os termos de uma teoria para falar sobre a própria vida, como se os conceitos fossem entidades que regem as vidas dos indivíduos. A postura (b) é uma herança tanto de religiões antigas (zoroastrismo, gnosticismo) quanto da filosofia moderna (Descartes, Kant e Fichte são grandes exemplos)⁷, e é comum em pensadores como Freud (pulsão de vida e pulsão de morte;

⁵ KANT. *Kritik der reinen Vernunft*, B3-B18.

⁶ OLIVEIRA. *Lógica e ciência cognitiva: o psicologismo contra-ataca*, pp. 123-129.

⁷ Sobre o dualismo, seu vínculo com religiões antigas e com a filosofia moderna, Cf.: ASSUMPÇÃO; VELIQ. A relação entre ser humano e natureza a partir de Schelling e Moltmann, pp. 83-96. HÖSLE. *Filosofia da crise ecológica. Conferências moscovitas*, pp. 60-67; JONAS. *The gnostic religion. The*

princípio de prazer e princípio de realidade; processo primário e processo secundário, etc.)⁸. A tendência (c) também é comum, e se desdobra no materialismo das neurociências ou na exacerbação do espírito⁹ da psicologia social e da psicanálise lacaniana, nas quais é comum se afirmar que tudo é poder, tudo é discurso, etc. O próprio Kant, que mencionamos acima, é um crítico do materialismo, que ele considera como discurso dogmático, que tenta atingir a essência da realidade (uma vez que afirmar que tudo é redutível à matéria significa reconhecer que a essência da realidade é material)¹⁰.

Lima Vaz, com sua antropologia filosófica, nos apresenta como a imagem de ser humano é difícil de se delinear ao longo da história da humanidade, sendo isso retratado na grande dispersão que se encontra nas ciências humanas, muitas das quais acabam recorrendo às posturas aludidas acima (reducionismo, dualismo, realismo ingênuo). Com sua antropologia filosófica, há caminhos que a psicologia poderia seguir, inclusive para pensar uma integração entre corpo e mente¹¹.

Na tradição filosófica do idealismo alemão, da qual Lima Vaz é devedor, criticava-se muito o dualismo, propondo uma visão monista de realidade e uma integração do ser humano. De fundamental importância nessa filosofia era a integração entre mecanicismo e teleologia. A explicação mecanicista é voltada para o que, após Wilhelm Dilthey (1833-1911), chamamos o método do explicar, para um foco em causa eficiente, ao passo que a explicação teleológica diz respeito ao compreender, a uma elucidação que opera no registro da causa final – da meta, intencionalidade. Um arrazoado mecanicista é focado em relações de causa e efeito como ocorre no choque entre corpos, sendo o que se encontrará em muitas ciências naturais. A teleologia, por sua vez, é mais comum de se pensar nas ações humanas, como no caso da economia, da antropologia cultural, entre outros campos que envolvem interpretação de intenções.

A proposta de integração entre mecanicismo e teleologia é algo recorrente já na filosofia crítica de Kant (que era ciente da importância de se superar os dualismos de

message of the alien God and the beginnings of Christianity, pp. 20-50; JONAS. *Philosophical Essays. From Ancient Creed to technological man*. 1980, pp. 324-334.

⁸ ASSUMPÇÃO. Jung e Leibniz sobre a questão corpo/alma: da harmonia preestabelecida à sincronicidade, p. 28.

⁹ Espírito, aqui, é tomado no sentido de uma integração de cultura e sociedade. Sobre esse problema, Cf. DRAWIN. *Ciência e interpretação: o problema do estatuto filosófico da psicanálise*, pp. 1-18.

¹⁰ KANT. *Kritik der reinen Vernunft*, A 379-385.

¹¹ LIMA VAZ. *Antropologia Filosófica I*, pp. 3-13. Cf. ASSUMPÇÃO. *A antropologia filosófica de Henrique Vaz como resposta ao determinismo da psicologia moderna*, pp. 195-205.

sua própria filosofia) e foi radicalizada no idealismo alemão de Schelling e Hegel¹², inclusive no contexto de pensar como a vida se organiza: o ser vivo pode ser explicado mecanicamente, análogo a uma máquina, mas essa explicação não é o suficiente para dar conta de seu dinamismo e complexidade, sendo necessário adotar também métodos teleológicos de explicação. Após a escrita da *Origem das espécies* (1859), de Darwin, tornou-se muito difícil aceitar métodos teleológicos na explicação do ser vivo. Todavia, no horizonte das ações humanas, ainda será válido pensar a teleologia na história (como fizeram Kant, Hegel, Marx e Engels, e várias religiões, como o zoroastrismo e o cristianismo) e na ética¹³.

Carl G. Jung (1875-1961) critica, em Freud, a opção por um método extremamente mecanicista, sem levar em conta a teleologia nos processos psíquicos, sendo as metáforas hidráulicas e mecânicas de Freud uma prova disso. O símbolo, para Freud, é **retroativo**, sendo sempre direcionado **ao passado**. Jung, por sua vez, pensa o símbolo como **prospectivo**, voltado para o **futuro**¹⁴.

A psicologia é o campo por excelência das ações humanas, intencionais, direcionadas a algo, não podendo ser apenas explicadas como ações fisiológicas, mecânicas. A causa final se insere, nesse contexto, como de suma importância na reflexão sobre o psiquismo humano, que não é redutível a um relógio, ou a uma máquina, ou a um algoritmo, mas que apresenta uma espontaneidade e capacidade de autodeterminação. Reconhecer a teleologia e a intencionalidade nos processos psíquicos é um importante passo para se evitar uma abordagem estritamente determinista em psicologia.

Esse é outro grande problema na formação do psicólogo, a ênfase em modelos deterministas. Ainda que possa ser uma tarefa impossível provar a liberdade, provar que não somos livres também o é, como nota Kant na terceira antinomia¹⁵. Todavia, seguindo Kant, devemos pressupor a liberdade, agir como se fôssemos livres – mesmo com a possibilidade de não sermos –, pois só assim se pode conceber

¹² KANT. *Kritik der Urtheilskraft*, §§ 64-72, pp. 369-389; SCHELLING, F. W. J. *Ideen zu einer Philosophie der Natur*, pp. 62-107. Schelling, com o tempo, se tornará um crítico da teleologia – algumas mudanças de posição são recorrentes ao longo de sua trajetória filosófica. Cf. ASSUMPCÃO. *Crítica do juízo teleológico e organismo em Kant e Schelling*, pp. 125-133.

¹³ HARTMANN. *Teleologisches Denken*, pp. 27-34; 76-127.

¹⁴ ASSUMPCÃO. Jung e Leibniz sobre a questão corpo/alma: da harmonia preestabelecida à sincronicidade, pp. 20-22; JUNG. *Symbols of Transformation: An Analysis of the prelude to a case of schizophrenia*, p. xxiii. Sobre Jung e a filosofia, Cf. BARRETO. *Símbolo e sabedoria prática: C. G. Jung e o mal-estar da modernidade*.

¹⁵ KANT. *Kritik der reinen Vernunft*, B 472-474.

responsabilidade nas ações humanas, e só assim a clínica psicológica faz sentido. Não parece coerente ser determinista e, ao mesmo tempo, acreditar na possibilidade de mudança dos pacientes, o que pode vir a ser ou incoerência, ou mesmo cinismo, a venda de um serviço que não é honesto. Com isso, não quero dizer que não haja uma série de determinantes das ações humanas – biológicos, sociais, econômicos, etc. –, mas enfatizo que esses determinantes não esgotam o humano. Tendo isso em mente, a formação do psicólogo deve possuir um forte direcionamento ético – não só em termos de ética profissional, mas de ética enquanto uma reflexão sobre a possibilidade de ações livres, de crença na capacidade de mudança das pessoas, na capacidade de serem agentes responsáveis¹⁶.

Uma boa teoria psicológica deve levar em conta tanto os fatores deterministas, mecânicos, quanto a capacidade de mudança e planejamento, a teleologia, integrando os dois métodos de explicação, sendo um bom exemplo a *Psicopatologia geral* (1913) de Karl Jaspers (1883-1969).

Evitando os extremos

Foram apontados problemas e dificuldades na formação do psicólogo, tendo em mente como seria possível melhorar essa formação e também a prática profissional, tendo em mente a conciliação entre explicar e compreender, mecanicismo e teleologia. A vocação prática do campo acaba, muitas vezes, subestimando a importância da reflexão teórica. Isso pode parecer inofensivo à primeira vista, mas incide diretamente não só em como a psicologia é ensinada e transmitida, mas também na prática. De um lado, a falta de sutileza interpretativa pode, muitas vezes, levar a se tratar o paciente como mero objeto, e não como uma subjetividade dotada de ações intencionais, sendo só uma explicação mecanicista algo equivocado no âmbito da clínica. De outro lado, o excesso de interpretação pode exaltar a subjetividade, de maneira que não se leva em conta fatores biológicos e socioeconômicos que limitam a ação do paciente, bem como sua capacidade de mudança.

A formação do psicólogo deveria ter um direcionamento **histórico** mais preciso, para se compreender maior os ganhos e perdas de cada escola psicológica, e quais elementos são mais interessantes para cada estudante. Além disso, essa formação

¹⁶ ASSUMPCÃO. *A antropologia filosófica de Henrique Vaz como resposta ao determinismo da psicologia moderna*, pp. 195-205.

deveria ser marcada por mais **tolerância** e **diálogo** entre as diversas escolas, algo que infelizmente não se observa em muitos departamentos de psicologia, nos quais muitos professores, em ato de grande irresponsabilidade, moldam em seus alunos suas preferências pessoais e incentivam a hostilidade diante de quem pensa diferente. Outro elemento central na formação em psicologia, para integrar o explicar e o compreender, é a **interdisciplinaridade**, algo particularmente valioso em uma área de fronteira como no caso da psicologia.

REFERÊNCIAS:

AUTOR. A antropologia filosófica de Henrique Vaz como resposta ao determinismo da psicologia moderna. *Pensar – Revista Eletrônica da FAJE*. Belo Horizonte, v. 4, n. 2, pp. 195-205, 2013. Disponível em: <https://faje.edu.br/periodicos/index.php/pensar/article/view/2558/2764>. Acesso em: 11 nov. 2019.

_____. Crítica do juízo teleológico e organismo em Kant e Schelling. *Doispontos*. Curitiba/São Carlos, v. 12, n. 2, pp. 123-135, outubro de 2015. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/doispontos/article/view/38898/26528>. Acesso em: 11 de nov. de 2019.

_____. Jung e Leibniz sobre a questão corpo/alma: da harmonia preestabelecida à sincronicidade. *Ensaio Filosófico*. Rio de Janeiro, v. 12, pp. 19-34, dezembro de 2015. Disponível em: http://www.ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo12/00_Revista_Ensaio_Filosofico_s_Volume_XII.pdf. Acesso em: 11 nov. 2019.

AUTOR; VELIQ, F. A relação entre ser humano e natureza a partir de Schelling e Moltmann. *Princípios: revista de filosofia*. Natal, v. 26, n. 50, pp. 81-97, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/principios/article/view/14041>. Acesso em: 11 nov. 2019.

BARRETO, Marco Heleno. Símbolo e sabedoria prática: C. G. Jung e o mal-estar da modernidade. São Paulo: Loyola, 2008.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. *Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia*. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 2007.

DRAWIN, C. R. Ciência e interpretação: o problema do estatuto filosófico da psicanálise. *Psicologia em Revista*. Belo Horizonte: v. 20, n. 1, p. 1-18, 2014. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/8056>. Acesso em: 11 nov. 2019.

GIDDENS, A. A vida em uma sociedade pós-tradicional. In: BECK, U.; GIDDENS, A.; LASH, S. *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*. Trad. M. Lopes. São Paulo: Ed. UNESP, 1997, pp. 73-133.

HARTMANN, N. *Teleologisches Denken*. Berlin: Walter de Gruyter, 1951.

HÖSLE, V. *Filosofia da crise ecológica. Conferências moscovitas*. Trad. G. Assumpção. São Paulo: LiberArs, 2019.

JUNG, C. *Symbols of Transformation: An Analysis of the prelude to a case of schizophrenia*. 2nd Ed. Trans. R. F. Hull. Princeton: Princeton University Press, 1990 (Bollingen Series XX: vol V).

JONAS, H. *The gnostic religion. The message of the alien God and the beginnings of Christianity*. 3rd edition. Boston: Beacon Press, 2001.

_____. The Soul in Gnosticism and Plotinus. In: JONAS, H. *Philosophical Essays. From Ancient Creed to technological man*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980, pp. 324-334.

KANT, I. *Kritik der reinen Vernunft*. Frankfurt am Main: Insel Verlag, 1974.

_____. *Kritik der Urtheilskraft*. Berlin: Walter de Gruyter: 1968.

LIMA VAZ, Henrique C. de L. *Antropologia Filosófica* vol. I. 7a ed. São Paulo: Loyola, 2004.

OLIVEIRA, M. B. Lógica e ciência cognitiva: o psicologismo contra-ataca. *Trans/Forma/Ação*. São Paulo. N. 15, pp. 123-130, 1992. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/trans/v15/v15a07.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2019.

SCHELLING, F. W. J. *Ideen zu einer Philosophie der Natur*. Stuttgart/Bad Cannstatt: Frommann-Holzboog, 1994.